

Volto de uma pequena estada fora. Passo pelos meus eternos caminhos. E a memória e a crítica trabalham... vão, creio que atrás de mim própria! Não formam quadros, não vêm figuras; reanimam tempos, e com certa repugnância e cansaço, talvez desaprêço. Cansaço, sobretudo!

Enfim, passei neste dia com enfado e meia tristeza pelos lugares onde tenho passado sempre... Mas como estive uns poucos de dias fora, e não sei que animosidade ou que resistência me resolve de vez em quando, vi-me nêles a renegar, a querer anular o meu próprio tempo, a minha

rígidas e características. E para quê estas atitudes? Para quê, afinal, este ar de fuga e de condenação, de desprêço do mundo? Francamente, não posso deixar de as olhar friamente. Que triste suficiência... Declaram-se ostensivamente incompatíveis com os nosos interesses.

espécie de fuga à responsabilidade intelectual? É possível. E quem sabe se também uma sofrível consciência da propriedade, da adaptação de um indeterminável a outro indeterminável... o sentimento de que um nome não vale nada! de que à roda de vagas coisas, como as que busco

das! Agora, acidentalmente, tornaram-se minhas pupilas... visitam-me frequentemente. Coitadas, quasi sem família, sentem-se no meu favor. E eu aprecio-as, realmente.

A mais velha pintura. Bonito quadro, disse-lhe eu, mostrando o que estavam vendo. Tudo cor de chumbo! Tão pesado! Seria fácil de pintar? Eu ohego a vêr lilás, responde-me ela. Olhe para ali para aquela névoasinha entre a lua e a água...

A Sá acabou de pintar, retorquiu-lhe. Não terá ainda nos olhos os elementos das cores? E, de facto, para o meu objectivismo não havia senão chumbo... uma simples tonalidade geral.

ção, de combate, e a dèste escritor, uma ironia de adaptação, de especulação.

Realmente, em face dèstes pequenos, desenfadados quadros de vida normal, dentro de uma anormalidade social, temporária, como o português me parecia ser, e que incongruência a de o vestir de amáveis críticas...

De que tem servido entre nós a ironia? De libertamento, de evasão do escritor, de sua respiração; de coicinho ou de partida que êle prega, excêdê, ao seu melo...

Começa a anoitecer. Que tarde! Cheguei a casa com uma angústia inexplicável de felicidade

# De um diário velho,

Passamos e repassamos, acompanhados de cuidados, levemente variáveis, pelos mesmos inalteráveis pisos.

Uma estação, uma era, uma gente... depois outra estação, outra era... e outra gente? não se chega a saber se sim, se não, tanto temos a impressão de repetição, de saciedade levemente amarga, de importunidade! de antigo peso, de inalienável melancolia. Passos, passos... repetidos, repetidos, repetidos...

Tudo é o mesmo, indefinidamente. Ou não é... Mas tudo se torna indiferente e se deixa de passar e desacreditar.

Há tanta céptica nostalgia, e tanto agastamento junto com tolerância, tanta memória e tanto desaprêço, tanto pó que nunca repousa e nos segue, nos envolve com um leve excesso de reanimação impotente, nas terias em que se viveu sempre!

Mas isto de escrever é grosseiro...

Estou atirando pásadas de palavras desmoralisadoras, contrafeitas, sobre a mais leve e penetrante impressão que se poderia ter. Sei eu cá bem o que pretendia dizer!

própria pessoa, as suas descendidas, mas viáveis, passadas condições de vida...

E já é a segunda ou terceira vez que estas duas mulheres entram no meu carro, de manhãzinha. Ainda são novas, mas vestem com a bizarria ridícula e pobre de quem se disfarça com os trajos seculares.

Tudo nelas é modéstia, mas propositada: saias rodadas e compridas, chapéus sem era, sapatos largos e rasos. Notei, realmente sem estranhêça, o seu ar esquivo. E não se sabe bem se medroso... Apeiam-se sem olharem para ninguém, não movem os braços a andar, parecem quasi coladas uma á outra. No fim de contas são uma perfeita imagem da reserva e da abstinência.

Dispensam tudo e todos... Desde quando é que eu as conheço? Desde os meus 6 anos, pelo menos. Vou apanhá-las, surpreendê-las assim, pouco mais ou menos, aos meus desconsolados anos de internato. Mas no convívio eram um pouco mais benignas, menos

veis comnosco, ou com os nosos interesses.

Tive hoje desejos de esclarecer a amável estranhêça de Z. àcerca do meu gôsto de... não ser conhecida.

Gôsto e utilidade! Trata-se de literatura...

Escrever como escrevo, satisfeita e descansada com a minha modéstia, sem ambições de notoriedade, é increditavelmente útil. Embrulhei um pouco as minhas explicações, quando Z. com a sua galanteria de letrado e de lisboeta, uma galanteria especial, me animava a aparecer. E não expliquei coisa nenhuma...

Ora, a ubiqüidade, a inteligência e a folga dos anonimatados, não têm mesmo definição! são, em resumo, de um valor absoluto, elementar, vital!

Já outros me têm dito que são atitudes, tarrafas, gracinhas... Sê-lo-ão, também. Mas o que me inspira é que eu não saberei explicar. Humanidade? Retraimento? Inversão da arrogância, espírito de defêsa? Timidês? Haverá nisto, na minha atitude, uma

para temas especulativos, pode e deve flutuar, insignificadamente, fantásticamente qualquer nome, variáveis nomes! A que me cinjo eu senão ao infinitamente passageiro, incerto, inseguro, imediatamente mortal? Ao ligeiro?...

Este gôsto do ligeiro dá-me, suponho, independência e indiferença pelas categorias literárias, pela consolidação de nomes, etc. Uma espécie de liberdade perversa...

Mas há outra razão ainda, francamente prática e comodista, que me move.

Eu não vivo entre letrados, nem outros artistas, nem mesmo gente de sociedade. Vivo entre miudagem, gente que lê o jornal duas vezes por semana. Não é melhor nem pior que a outra, mas é grosseira. E têm a grosseria mais comum da humanidade, que é a de se afrontar com os tipos deformados, ou excrescentes. Se eu me puzesse a assinar despejadamente com o meu nome civil as puerilidades que ouso escrever, era irradiada da minha sociedade... era tida pela pessoa que sobre a sua impertinência natural ainda deixa grasar a da vaidade...

A minha sociedade não me serve de grande coisa, mas, enfim, sempre é a que me considera seu elemento. E creio prudente não a escarmentar!

Ando a lêr um pequeno romance alemão muito curioso. Admiro-o e sinto-me em desordem perante êle. A aliança da ironia e da gravidade do seu autor maravilham-me. Esta ironia é quasi só descritiva, não compensatória nem moralista, como a comum ironia. E admiro também a extrema plasticidade e discreta independência, anotadoras apenas, ou ligeiramente críticas, com que êste escritor julga a sua sociedade e o seu tempo. Sem convencionalismos pedagógicos nem políticos! Abre portas a eras sucessivas, desprevidas...

O que êle nos mostra não será bem uma projecção dos tempos, mas antes as suas aproximações e pequenos desníveis.

Interessa-me extraordinariamente o seu criticismo ameno e o plano da sua obra, quasi só informativa, romanesca e narrativa. E lembro-me, lendo-a, da nossa gente... Que triste, que rígida e que acanhada! Não indescritível, nem de todo desinteressante, sem dúvida; romanesca, enfim; mas que imprópria para o exercicio de uma fina crítica eironia!

A ironia do Eça, muito mais risonha, fulgurante, agitada e explosiva que esta, não deixa de nos revelar melhor o ironista que as figuras da sua selecção.

Qualquer sociedade poderia alimentar aquela ironia, parece-me. Será talvez uma ironia de oposição,

Estavamos as três a olhar para o rio. Estas duas irmãs têm tantas oposições, e vivem tão liga-

# preambular de outro

Mas o objectivismo de um pintor deve diferir muito do meu, do geral. Para mim, nesta paisagem, acentuava-se um não sei quê dramático, confuso, que nem cor nem forma (as finas distinções de cor e de forma) traduziriam perfeitamente. Para o pintor, no entanto, há sempre pormenor, parte.

Acho interessantes estas diferenças da observação, ou da sensação. Aqui, o mesmo crepúsculo, uma impressão comum de surpresa e de gôsto e uma imediata diferença de ideias, ou de formas representativas.

Cor, como dar a cor? tudo é cor... diria, em síntese, a minha amiga.

E eu: que mistério há hoje nisto que conheço? Esta estranhêça, esta banal novidade, tão difusa, em que reside, e como se poderia exprimir?

Ando a lêr um pequeno romance alemão muito curioso. Admiro-o e sinto-me em desordem perante êle. A aliança da ironia e da gravidade do seu autor maravilham-me. Esta ironia é quasi só descritiva, não compensatória nem moralista, como a comum ironia. E admiro também a extrema plasticidade e discreta independência, anotadoras apenas, ou ligeiramente críticas, com que êste escritor julga a sua sociedade e o seu tempo. Sem convencionalismos pedagógicos nem políticos! Abre portas a eras sucessivas, desprevidas...

O que êle nos mostra não será bem uma projecção dos tempos, mas antes as suas aproximações e pequenos desníveis.

Interessa-me extraordinariamente o seu criticismo ameno e o plano da sua obra, quasi só informativa, romanesca e narrativa. E lembro-me, lendo-a, da nossa gente... Que triste, que rígida e que acanhada! Não indescritível, nem de todo desinteressante, sem dúvida; romanesca, enfim; mas que imprópria para o exercicio de uma fina crítica eironia!

A ironia do Eça, muito mais risonha, fulgurante, agitada e explosiva que esta, não deixa de nos revelar melhor o ironista que as figuras da sua selecção.

Qualquer sociedade poderia alimentar aquela ironia, parece-me. Será talvez uma ironia de oposição,

perdida, de bem mal logrado! Não sei que frases trazia comigo, que esqueci...

Fui para a janela da cosinha. E enquanto a água fervia, por aquela janelinha do telhado, que se parece com um brinquêdo amachucado, e deitado fora, eu via agitar-se um braço melo nu e com pulseiras. Parecia fazer, ou fazia, movimentos leves de quem penteia, ou de quem afaça. Depois julguei vêr uma cabeça, a que receberia os afagos. E pensei... Mas o braço fez um gesto mais rápido, e o quadro esgotou-se. Tudo desapareceu. Ficou só o opaco, escancarado, o janelito escuro, tão meu conhecido.

Mas aquele braço de pulseiras... Aquela repetição de um gesto, descansada, cariciosa... Tomo o meu chá e volto sem intenção á janela. A tarde parece que não tem fim. Antecipa-se a primavera!

A janela debaixo da da mansarda ilumina-se. Um candeiro de petróleo é acêso com as cautelas requeridas. Nova cena.

Um rapaz muito novo, de cabeça escura, lustrosa, fina, come a um canto, perto da janela. Junto dêle, na mesma mesa, uma mulher magra, quasi velha, o tipo da mãe pobre, passa a ferro. O rapaz come de colher; come, come, come, como se fosse insaciável, mas olhando repetidamente para um lado. Não posso vêr para quem, mas imagino que seja para a dona do tal braço...

Ri, de vez em quando. Tem uma cabeça tão bonita!

A mulher que passa a ferro salpica e alisa com as mãos roupa escura, talvez roupa de homem. Deixo-os em paz...

Ontem, àcerca das minhas jovens alunas, pensei o que todos os Sócrates, grandes e pequenos, não de ter pensado dos seus discípulos: que é grato, suave e animador o convívio dos jovens. Como nos excita a sua curiosidade discreta! As nossas mãos mal pesam sobre êles, mas êles sentem e agradecem, recebem talves com condescendência e desejo a nossa discreta pressão; de nós para êles e dêles para nós há sinceros movimentos ondulatórios, de estudo e tacto. Destas cinco raparigas, até as menos inteligentes me parecem dignas, sinceramente respeitáveis!

O paralelo dos espíritos tenta sempre a formar-se. Ontem descia com elas a ladeira do costume, e todas nós falavamos um pouco voluvemente, já não sei de quê...

Que interessantes me pareciam! O seu convívio foi uma grande novidade na minha vida, realmente. É um pouco exterior, mas diferente de tudo que me era habitual.

Achei, enfim. Folheei o diário da K. M. á procura de um pequenissimo quadro, de que me lembrava, e que me parecia falso. Após-me rectificá-lo... As frases de lá são muito poucas. Estas, suponhamos: Ele chega e diz-lhe, a ela: Vim...

E ela: sim? Para...isto... acrescenta êle, e puxa-a para si.

Ora, a minha rectificação vai tomar o ar de uma fantasia, gratuita talvez, como me parece a de K. M., enfim, pessoal... Anularei o feliz e pronto desfalecimento dela e a precipitação terna dêle.

Ele vem, subiu as escadas. Nestas escadas não há mistério nenhum, nem na casa, na terra, ou na rua... nada daquêle mistério pesado ou poético, daquela alucinação romanesca de uma literatura excitante, irrealista.

Ele vem de longe e trás curiosidade de tudo quanto aqui deixou.

Ela espera-o, sem inquietação e sem consôlo, espera-o... Pensa que êle, afinal, não venha, que não apareça nunca, até...

O homem que a desejou, que a cubiçou, que a tentou. O homem... Mas preparou para êle inúmeras graças, discretas. Coisas de que êle nunca se aperceberá.

Deu-se a pequenas tarefas sucessivas, como as noivas... Apesar de tudo, da insegurança e da resistência feminina, como um homem pode ocupar, dominar, encher o espirito de uma mulher! Ele é sempre o mistério para que ela corre, dóida e cega...

Mas êle, enfim, chega. E o seu toque á porta—toque que ela ouve pela primeira vez, e que por uma singular casualidade é diferente de todos os outros, diz-lhe que êle ali está... que se aproxima.

Ela abre-lhe a porta e êle entra repentinamente, furtivamente. Facto de que ela se apercebe, e que estranha.

Como é que ela tinha imaginado já esta chegada? Que teria de ir abrir a porta em baixo (o fecho estava escangalhado), que não acenderia a luz da escada, que êle a beijaria... As fatalidades agradáveis e preconcebidas dos imaginistas.

Mas não. Ele entrou rápido, com o que se declarou intruso, ou desleal; apertaram-se as mãos e foram-se sentar.

Os joelhos de um e do outro quasi se tocam. A casa é muito pequena, está quente e dôcemente iluminada. Fazem-se perguntas sem importância um ao outro. O que êle diz não têm, de facto, interesse nenhum, mas a sua pessoa é curiosa... Ri. Sentese estranho. A sua posição é falsa. Olha-a, chega-se mais para ela. Afinal, viera...

E ela, sem espécie de desenvoltura, de coração humilde... Sim, aceita tudo! Mas sente-se clarividente e desgostosa. Vê que um verdadeiro abismo os separa. Deixa que êle a beije.

Mas como se tinham beijado já? Não assim. Como se tinham beijado naquelas noites... sobretudo naquela formosa noite, tão longa, estrelada e desgarrada do passado outono? Tão perdidamente! Sem se importar com o tempo! Com gôsto perfeito ou imperfeito, iludido ou sincero, mas com uma sensação empolgante, rara, com certeza, de ansiedade e de sofreguidão. Não havia posse completa, ela negárase, mas o desejo era embriagante. Um enervamento delicado, um cansaço desesperado, delicioso.

JOÃO FALCO

E agora?

Ele ali estava... o desconhecido, o atrevido, o céptico, o imoral. O homem!

Ela põe-lhe de leve a mão na cara e olha-o nos olhos, muito de perto. Os olhos, assim vistos, fascinam... Parecem retidos, presos, largos, dominados... Ela não os implora, nem os interroga, segue-lhes o corte, o movimento vagaroso, a expressão, ora maliciosa, ora paciente. Mas por fim cansa-se.

Ainda se uma pequena palavra, um pequenissimo acôrdo...

Mas êle que há-de dizer? Sim, sempre diz...

E ela, arrefecida, pisada, ouve... umas coisas tão calculadas e tão mesquinhas! vexatórias, de uma tal banalidade!

Para aquilo viera... Para lhe dar aquela amargura! que não era absolutamente nova! O cálculo dos homens, os grosseiros, parecia-lhe que o conhecia da eternidade... Sim, conhecia-o! grosseiros! cálculo, sempre... Abusavam dela, da sua franquesa, da sua real inocência. E chorou. Mas uma pródente e súbita secura a impassibilizou.

Ele continuou a beijá-la. A desculpar-se? Beijavam-se, com teima.

Um homem e uma mulher, sós, confiados, àquela hora! Que a beijasse, que fizesse dela o quizesse, que ficasse.

Mas K. M. não pintou nada disto, foi deliciosamente convencional. Ele beijava-a logo e ela desfalecia imediatamente de confiado amor...

Al! eu prefiro pintar o quadro do ardor apagado, sufocado, da desordem.

O homem chega e que trás consigo? Uma bem triste oferta. O desamor. As noites sem ilusões e os dias desencantados. O homem não chega de braços estendidos. É cauteloso. Chega... e depois é que, excitado pela presença da mulher, e talves por uma questão de hábito, de costume, a beija e acaricia.

Mas com êle entra e não parte, pelo menos com o seu desembaraço, o despeito e a tristeza, o acabrunhamento, o desconsôlo e a amarga insaciedade da vida! a dôr sincera da renúncia e do desejo, uma mistura de sentimentos sem nome, deprimidos.